

CARTOGRAFIAS SUBVERSIVAS E GEOPOÉTICAS

Cartografías subversivas y Geopoéticas

Subservive cartographies and Geopoetics

Juliana de O. Rocha Franco

Doutoranda em Comunicação e Semiótica na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
e-mail: judorf@gmail.com

Resumo

Mapas e mapeamentos ordenam e representam nossos mundos físico, social e cognitivo. Diante da proliferação de mapas digitais decorrente da democratização de certas ferramentas tecnológicas, a Cartografia e seus processos ideológicos têm adquirido novos sentidos. A produção e uso de mapas decorrentes da democratização de certas ferramentas tecnológicas tem possibilitado uma maior familiaridade com a maneira como mapas representam o espaço. Entretanto, conforme afirma Kent (2008) tais mapas ainda continuam presos a uma determinada "agenda" de mapeamento, definidas pelo estado ou por finalidades comerciais. Buscaremos apresentar e categorizar construções colaborativas, artísticas e política de mapas que se reapropriam da cartografia possibilitando formas de relação criativa com o espaço. Mapeamentos possibilitam repensar e redesenhar o papel de representação dos espaços, regiões e identidades no mundo contemporâneo: Cartografias Subversivas.

Palavras-chave: cartografia subversiva; mapeamento colaborativo; mídia locativa.



Abstract

Maps and mapping organize and represent our physical, social and cognitive worlds. Nowadays, the proliferation of digital maps resulting from the democratization of certain technological tools, have acquired new meanings for the cartography and its ideological processes. We can see a huge development of the production and use of maps by common people. However, as stated by Kent (2008) these maps are still locked into "agendas" mapping, defined by state or for commercial purposes. We will show and categorize collaborative, artistic and political maps which reappropriate the cartography enabling forms of creative relationship with space. Mappings which allow rethink and redesign the role of representation spaces, regions and identities in the contemporary world: Subversive Cartographies.

Keywords: subversive cartography, collaborative mapping, locative media

Resumen

Dada la proliferación de mapas digitales que resultan de la democratización de ciertas herramientas tecnológicas, la cartografía y sus procesos ideológicos han adquirido nuevos significados. La producción y el uso de los mapas, debido a la democratización de ciertas herramientas tecnológicas ha permitido una mayor familiaridad con la forma en los mapas representan el espacio. Sin embargo, según lo declarado por Kent (2008) estos mapas todavía están atrapados en una cierta "agenda" de mapeo, definido por los propósitos estatales o comerciales. Vamos a mostrar y clasificar la construcción de mapas artísticos y políticos que ao reapropiarse de la cartografía permiten formas de relación creativa con el espacio y hace posible repensar y rediseñar el papel de los espacios de representación, regiones e identidades en el mundo contemporáneo: Cartografías subversivas.

Palabras clave: cartografía subversiva, cartografía colaborativa, mídia locativa.



Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado-a-lado e do disperso. Julgo que ocupamos um tempo no qual a nossa experiência do mundo se assemelha mais a uma rede que vai ligando pontos e se intersecta com a sua própria meada do que propriamente a uma vivência que se vai enriquecendo com o tempo (Foucault, 1998).



Introdução

O desenvolvimento e consolidação das tecnologias de comunicação na sociedade em rede e, especificamente, o desenvolvimento de sistemas como o Geographic Information System (GIS), Global Positioning Technology (GPS), telefones móveis, tecnologias wireless e RFID (Radio-Frequency Identification), tem colaborado para a onipresença da tecnologia digital em nosso cotidiano, possibilitando a reelaboração na maneira como experienciamos o espaço e como elaboramos nossas práticas espaciais.

A reelaboração das práticas espaciais necessariamente envolve modificações na forma como representamos o espaço. David Harvey (2002, p. 227) nos mostra como a conquista e organização racional do espaço se tornaram parte integrante do projeto da modernidade. Tal processo de racionalização e objetivação do espaço se materializa na tradição Cartográfica

moderna, que se institucionalizou como discurso dominante até os dias de hoje e que detém o monopólio das representações e interpretações do espaço geográfico. Nesse contexto, uma questão importante a ser ressaltada é a estreita ligação entre poder e Cartografia, que tem sido ressaltada por vários teóricos (Harley, 2009; Wood, 1978, e Pickles, 2004, dentre outros.).

Se pensarmos o conhecimento cartográfico como um produto social, mapas podem ser compreendidos como mediadores entre diferentes visões do mundo. Brian Harley, ao mostrar que os mapas não são imagens isentas de contornos ideológicos, ressalta a íntima relação entre os mapas e o poder institucionalizado, revelando como a história dos mapas está ligada ao surgimento do estado-nação e dos direitos de propriedade.

Seja o mapa produzido sob a bandeira da ciência cartográfica, como foram a maior parte dos mapas oficiais, ou seja um exercício de propaganda declarada, é inevitável que esteja envolvido no pro-



cesso do poder (...) Os mapas foram uma invenção similar no controle do espaço; eles facilitaram a expressão geográfica dos sistemas sociais e são um meio de consolidar o poder do Estado (Harley, 2009).

Mapas foram, e ainda são, de particular interesse para o poder do Estado, por causa da importância do espaço como território ou domínio, onde o poder do Estado é exercido. Nesse caso, a influência institucional sobre cartografia determina, a partir de uma declaração oficial, “o que o espaço é” e que produz um efeito poderoso em nossa compreensão desse espaço. Em estreita relação com o poder, Cartografias e mapas podem ser compreendidos como “dispositivos” no sentido que Agamben (2009) confere ao termo:

Eu chamo dispositivo tudo o que tem, de uma maneira ou de outra, a capacidade de capturar, de orientar, de determinar, de interceptar, de modelar, de controlar e de assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos (Agamben, 2009, p. 31).

Todavia, diante da proliferação de mapas digitais e sistemas de informação geográfica, a Cartografia e seus processos ideológicos têm adquirido novos sentidos. Kent (2008, p. 31) compara o processo atual com o início da era moderna, quando, graças à tecnologia de Gutenberg, a geografia de Ptolomeu e os mapas impressos se difundiram. O desenvolvimento e liberação de ferramentas de geolocalização têm aberto possibilidades sem precedentes de democratização das ferramentas de mapeamento e visualização, que até então eram de uso quase que exclusivo de engenheiros e cartógrafos.

Nos últimos anos, os serviços de informação geográfica na web têm aumentado incrivelmente. A disponibilização da API (interface de programação de aplicativo) de sites tais como o Google Maps, possibilita aos usuários a criação de “mashups”, mesclando seus próprios dados (que podem ser extraídos de uma variedade de fontes) com outras bases



de dados, gerando uma quantidade quase infinita de projetos. Dessa maneira, o processo de mapeamento se abre: os usuários podem interagir e explorar, ao invés de apenas usar a imagem como uma apresentação final (Rood et al., 2001).

É inegável que a produção e uso de mapas decorrentes da democratização de certas ferramentas online tem possibilitado uma maior familiaridade com a maneira como mapas representam o espaço. Entretanto, conforme afirma Kent (2008) tais mapas ainda continuam presos a determinadas "agendas" de mapeamento, definidas pelo estado ou por finalidades comerciais.

So while the availability of geographical data and user-customization is likely to increase, the choices available to the user remain limited and are fixed by the mapping agency – state or commercial – responsible for making these data accessible online. Unless the user has complete control over what is shown as

well as its graphic expression, they are only left with an illusion of choice (Kent, 2008).

Dessa forma, é possível discutir se existe mesmo uma redistribuição de poder e conhecimento. Tais aplicativos podem criar uma imagem instantânea digital de qualquer localização em qualquer escala. No entanto, conforme afirma Cosgrove (2006, p.150), são imagens resolutamente funcionais, que ignoram o contexto do lugar que elas representam e não conseguem apreender a cidade como espaço público: "Blandscapes", conforme afirma Kent (2008) .

Moreover, the internet has seen global products increasingly networked, with online portals and virtual globes under the control of a handful of multinationals offering increasingly standardized and 'bland' worldviews such as Google Maps to a global audience (Kent, 2008).

É possível afirmar que dentro desse contexto, as geotecnologias reafirmam a Cartografia e o mapeamento como um meio de projetar poder



e saber. Entretanto não podemos esquecer, conforme afirma James Corner, “the fact that maps are highly artificial and fallible constructions, virtual abstractions that possess great force in terms of how people see and act” (Corner, 1999, p.116). Dessa forma podemos, com Yves Lacoste, pensar a Cartografia como um “conjunto de conhecimentos, uma forma de raciocinar, um saber-pensar o espaço que permite agir de uma maneira mais eficaz” (Lacoste, *apud* Seemann, 2002).

Mas como escapular das Cartografias ordenadas como dispositivo? Mapas e mapeamentos ordenam e representam nossos mundos físico, social e cognitivo. Dessa forma as mudanças em nossa experiência alteram os sentidos e práticas que envolvem a cartografia e mapeamento e vice-versa. Um mapa é um o produto de uma atividade criativa que aponta para novas narrativas e construções conceituais.

Brian Holmes (2008) sugere algumas

possibilidades quando apresenta a seguinte questão: *But what can the geopolitical lens reveal, when it's a matter of artistic invention?* Holmes lembra que em confronto com os mapas hegemônicos dominantes, existem cartografias dissidentes: a partir de um enfoque crítico, o mapa como dispositivo tem sido colocado em xeque por construções colaborativas, artísticas e política de mapas que se reapropriam da cartografia possibilitando formas de relação criativa com o espaço. Essas práticas produzem uma rede de discursos, possibilitam usos e apropriações do espaço público, problematizam e rearranjam fronteiras políticas. Esses mapeamentos possibilitam repensar e redesenhar o papel de representação dos espaços, regiões e identidades no mundo contemporâneo: Cartografias Subversivas.

Paraskevopoulo et al. (2008) afirmam que o termo subversivo promove o vínculo entre a Cartografia e os enfoques críticos e táticos. A partir de Holmes e de Paraskevo-



poulo et al. sugerimos que certas cartografias fariam parte de uma “Geopoética”, que propõe uma abordagem artística para refletir sobre a questão do espaço e que se aproxima de uma Estética do Mapeamento Cognitivo (Jameson, 1997, p.78) “como uma cultura política e pedagógica que busque dotar o sujeito individual de um sentido mais aguçado do seu lugar” apresentando elementos que são muitas vezes invisíveis para a cartografia tradicional.

These include factors that are part of the city's environment, but not specially tangible elements such as a road or a building. Some examples of the "invisible" elements include population density, economic indicators of the city, and pollution readings. Throughout history, maps have been associated with power and politics, whether they depicted military sites, the location of hidden treasure, hunting grounds or trade routes; maps give the viewer a sense of perception and perspective on the information they are trying to disseminate. (Paraskevopoulo et al., 2008).

Para apresentar obras que se caracterizariam como uma Geopoética proponho três

grandes categorias que buscam organizar a profusão de experiências encontradas. É importante ressaltar que não se tratam de categorias estanques ou absolutas. Significa que majoritariamente a obra ou mapa refere-se àqueles elementos e/ou produz determinado sentidos que poderiam ser apreendidos por esta ou aquela categoria.

1. Cartografias de Combate: arte, cartografia, geografia e ativismo

Essa categoria se refere a trabalhos que problematizam a cartografia e mapeamentos a partir do seu viés político, em seu embate com os dispositivos (Agambem, 2009). Ao revelar associações implícitas entre práticas espaciais, poder e controle é possível se aproximar da ideia de Mídia Tática. Mídia Tática é um conceito que surgiu e se consolidou anos 1990, e marcou práticas ativistas de mídia e festivais de novas mídias pelo mundo. Segundo David



Garcia e Geert Lovink (1997)¹, Mídia tática é o que acontece quando as ideias “do it yourself” encontram os meios de comunicação. Tal encontro é possibilitado pela crescente disponibilidade dos materiais e equipamentos de mídia e formas expandidas de distribuição possibilitadas pela internet são exploradas por grupos e indivíduos que se sentem lesados ou excluídos da cultura hegemônica.

Na verdade o conceito abarca e nomeia práticas que exercem um forte diálogo com aos movimentos de contracultura dos anos 1960 e com arte avant-garde do século XX. O grupo Critical Art Ensemble (2003) define mídia tática como “a critical usage and theorization of media practices that draw on all forms of old and new, both lucid and sophisticated media, for achieving a variety of noncommercial goals and pushing all kinds of potentially subversive political issues”. Dessa forma, a Mídia tática

abrange um vasto campo de ação, desde as mídias tradicionais (TV, Rádio, etc.), internet, produção e distribuição de softwares e hardwares, atuações no espaço urbano, performances etc. A ideia de “tática” é inspirada por Michel de Certeau (2007), e sua na distinção entre estratégia e tática.

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças: os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc. (Certeau, 2007, p.46).

Ou seja, as estratégias estão a serviço do Dispositivo. Ao promover uma genealogia do termo, Agamben (2009, p.38), nos mostra como este assume, na passagens dos gregos

¹ Os autores difundiram o conceito ao publicar “O ABC da Mídia Tática” na abertura do site da Rede de Mídia Tática em maio de 1997.



para o padres latinos, toda uma esfera semântica da oikonomia teológica. Dessa maneira, o dispositivo poderia ser pensado como um “conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos homens.” Segundo Foucault, dispositivos são “Operadores materiais de poder, ou seja, técnicas, estratégias, formas de sujeição, acionadas pelo poder” (Revel, 2002, p. 24). Já a Tática seria,

a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (...) é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” (...) não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável (Certeau, 2007, p. 100).

O que denominamos Cartografias de Combate são práticas de mídia tática que de alguma forma visam a criação, distribuição, compartilhamento e utilização de dados espaciais visando intervir nos dispositivos marcados por estratégias que coordenam nossas percepções e práticas espaciais. Um bom exemplo pode ser o trabalho do “Institute of Applied Autonomy” (IAA), em colaboração com o “Site-R,” um aplicativo online online iSee, desenvolvido desde 2001 que permite visualizar, em tempo-real, mapas dos percursos com menor exposição a câmaras de vigilância. iSee é uma aplicação web-based que permite mapear a localização de câmaras de vigilância em ambientes urbanos. Com o iSee, os usuários podem encontrar rotas que evitem essas câmaras (“caminhos de menor vigilância”) (Figura 1).





i-SEE
"Now More Than Ever."

www.appliedautonomy.com/isee.html



Figura 1



A ideia de Cartografia de Combate se aproxima e engloba as ideias de “Experimental Geography” (Trevor Paglen) e “Radical Cartography” (Mogel, L. & Bhagat, A., 2008), no sentido de propor formas reflexivas de produção do espaço e promover subversões em determinadas lógicas culturais espaciais, mas podem ser mais radicais, ao proporcionar além das propriedades subversivas, possibilidades de resistência nas quais o uso dos meios técnicos também altera as condições de espaço

e tempo sob as quais os indivíduos exercem o poder (Thompson, 1998, p. 29).

Um bom exemplo é o trabalho dos artistas Brett Stalbaum e Ricardo Dominguez. Transborder Immigrants Tool: A Mexico/U.S. Border Disturbance Art Project (bang.calit2.net/xborder)² (Figura 2) uma astuciosa maneira de empregar os produtos impostos por uma

² Walking Tools (www.walkingtools.net), é uma ferramenta que o próprio usuário pode associar uma mídia a uma posição geográfica. Criado Cícero Silva, o Walking Tools foi a ferramenta usada para a criação do Transborder Immigrants Tool: A Mexico/U.S. Border Disturbance Art Project (bang.calit2.net/xborder)

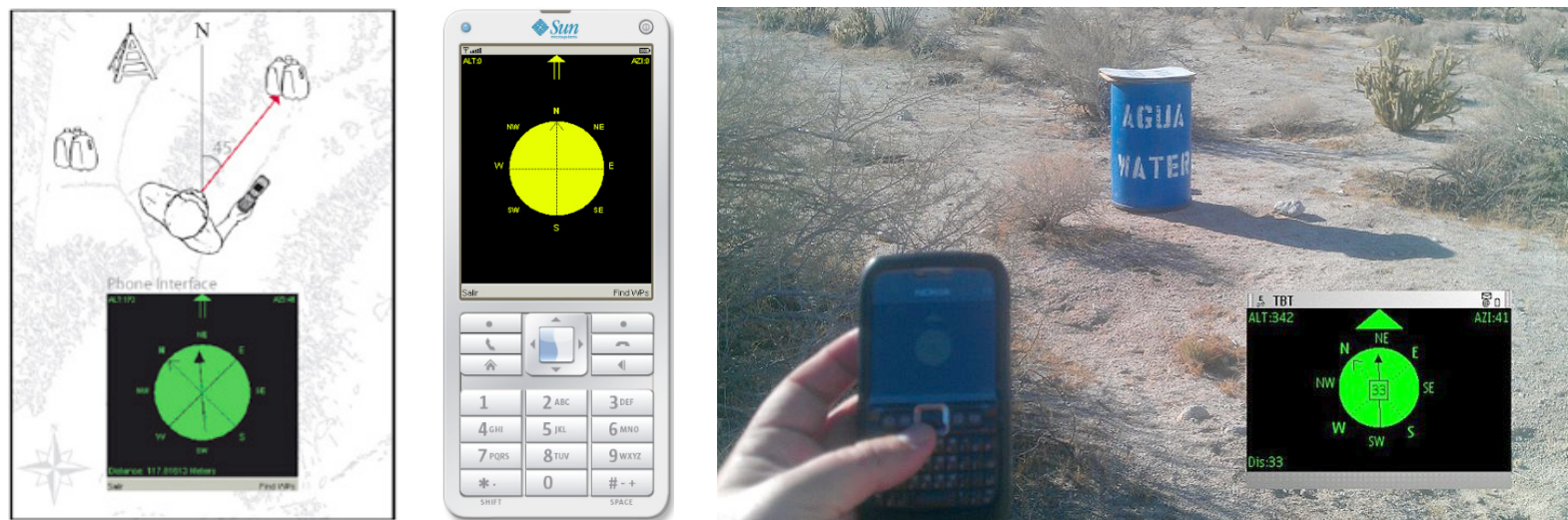


Figura 2



ordem econômica dominante (Certeau, 1994, p. 39).

Todo ano, centenas de pessoas morrem cruzando a fronteira EUA / México devido ao fato de não serem capazes de se localizar corretamente. Transborder Immigrants Tool é um software desenvolvido especialmente para celulares de baixo custo que rastreia e mostra, através do GPS do celular, locais onde há água e rotas de fuga. O trabalho foi exibido no Museu de Arte Contemporânea de San Diego, La Jolla, CA. Entretanto, não são muitos os exemplos de cartografias de combate, justamente pelas suas consequências: no caso do Transborder Immigrants Tool, por se tratar de uma espécie de “desobediência civil, eletrônica”, o projeto sofreu uma grande perseguição nos EUA. Em 2010, o senador Duncan Hunter questionou a sua legalidade e Ricardo Domingues foi alvo de uma intensa investigação. Recentemente foi concluído ele não estava ferindo regra alguma.

2. Cartografias dos rastros: (neo) flanêrie e psicogeografia

Essa categoria abarca o que Tutters e Varnellis denominaram Cartografias Anotativas e Cartografias Fenomenológicas (2009). Cartografias “Anotativas” sobrepõem uma camada virtual de anotações e tags ao mundo tangível. A obra paradigmática de anotação é o projeto Urban Tapestries (2003 - <http://urbantapestries.net/>) (Figura 3), que alia tecnologias móveis, internet e sistemas de informação geográfica e oferece uma plataforma de software experimental que possibilita o mapeamento, criação e partilha de conhecimentos e experiências cotidianas do espaço. A plataforma de software permite que as pessoas construam relações entre os lugares e histórias, agregando informações, imagens, sons e vídeos a eles. Urban Tapestries materializa bem a ideia do espaço urbano como uma teia ou tapeçaria tecida pela experiência dos habitantes ao materializar for-



URBAN TAPESTRIES

Author List

Browse by Thread Browse by Author

dan dxon
There are 12 pockets by this author.

dan hill
There are 26 pockets by this author.

Danny Angus
There are 7 pockets by this author.

Garrick Jones
There is 1 pocket by this author.

Giles Lane
There are 113 pockets by this author.

Giles Rolleston
There are 23 pockets by this author.

Jacqueline Carter

Pockets by Giles Rolleston

By Giles Rolleston
Thread : walking the city
Posted on Sat, 26 Jun 2004 16:51:32

group photo
By Giles Rolleston
Thread : walking the city
Posted on Sat, 26 Jun 2004 16:48:51

if music.
By Giles Rolleston
Thread : walking the city
Posted on Sat, 26 Jun 2004 16:33:51

centre point
By Giles Rolleston
Thread : walking the city
Posted on Sat, 26 Jun 2004 15:55:47


woman talking
By Giles Rolleston

Active Pocket

Pocket Title : if music.
Pocket Date : Sat, 26 Jun 2004 16:33:51

Pocket Author : Giles Rolleston
Pocket Thread : walking the city

Image URL : <http://trial.urbantapestries.net/content/1387/utimage.jpg>




Sound URL : <http://trial.urbantapestries.net/content/1387/sound.wav>

Play Pocket Sound

Pocket Text :
No pocket text.

Map Viewer



Scroll Zoom Level

Pocket Title :
Pocket Date :
Pocket Author :
Pocket Thread :

© 2002-2004 Probasits. All rights reserved. Map Data: © Crown copyright and database right. All rights reserved. Licence number 100/300/442.

Figura 3



ma como as pessoas narram, anotar e explorar a cidade a partir de perspectivas diferentes.

Já as Cartografias Fenomenológicas registram os traçados de ações no mundo. Como por exemplo, GPS Drawing: uma coleção de desenhos, esculturas e experimentos feitos com Sistema de Posicionamento Global (GPS) por Jeremy Wood. Há mais de dez anos, Wood explora a tecnologia GPS como uma ferramenta de desenho criando mapas a partir de tracklogs seu GPS. Seu trabalho *Traverse Me*

(2010), é um mapa dos 700 hectares da Universidade de Warwick (evitando os caminhos e estradas, quando possível) traçado em 17 dias de caminhadas a pé *trackeadas* por um GPS. Como resultado, a criação de 383 quilômetros de traços a partir dos quais Wood produziu um mapa de escala 1:1 (Figura 4).

Em 2006 Wood projetou e executou caminhadas por Londres para escrever com o tracklog do GPS a frase de Herman Melville em *Moby Dick*: Não estão em nenhum mapa; lu-



Figura 4

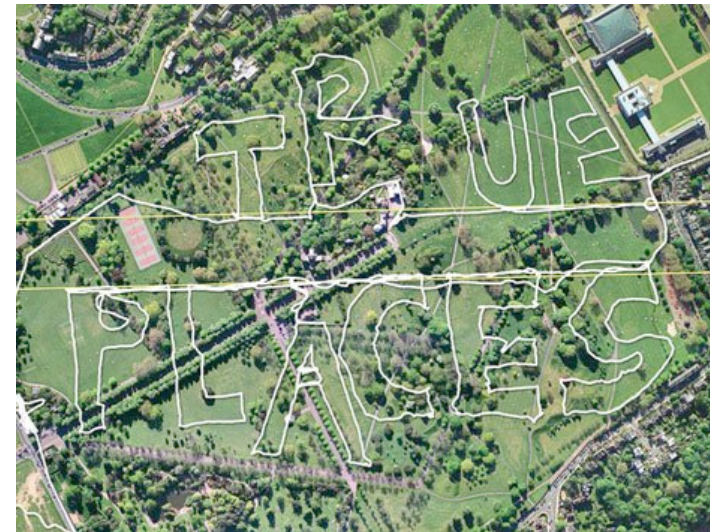


Figura 5



gares verdadeiros nunca estão (“It is not down in any map; true places never are”) (Figura 5).

São projetos nitidamente inspirados nas práticas de *détournement* e deriva situacionista. Os situacionistas, com a prática da deriva e do programa de urbanismo unitário, visavam subverter a orientação funcionalista do planejamento da cidade modernista (Holmes, 2009, p. 01). A subversão aparece na proposta de descondicionamento psíquico a partir de uma estética das experiências dissidentes. Conforme afirma Holmes, “most of the alternative projects or artworks using the GPS system are premised on the idea that it permits an inscription of the individual, a geodetic tracery of individual difference” (Holmes, 2009, p. 01).

Dessa forma, essas Cartografias dos Rastros buscam desenvolver experiências de compreensão do ambiente, da dimensão espacial das experiências sociais, além de uma valorização das emoções, memórias e subjeti-

vidades nos processos de experienciação dos espaços. É um processo de uma *subversão* que não confronta ou combate os dispositivos espaciais, mas que possibilita a criação de práticas cotidianas que muitas vezes não se submetem ao jogo de forças de poder que configuram os dispositivos espaciais.

3. Auto-mapeamentos e posições do self:

Jeremy Crampton (2009, p. 01) afirma que os mapas são performativos participativos e políticos. Ressaltaremos nessa categoria a dimensão performativa, no sentido de possibilitarem processos de criação do espaço a partir de dimensões relacionais e trajetórias pessoais. Nesse caso o que está sendo mapeado é justamente um *self* em relação a um espaço de atuação. Sotelo-Castro (2009) usa a expressão *auto-mapping* para se referir a essas cartografias.

Um bom exemplo pode ser o projeto Bio-



mapping desenvolvido por Christian Nold, que se utiliza de um dispositivo de leitura biométrica que mede a resposta galvânica³ da pele de cada usuário e fornece dados sobre seu estado emocional durante o trajeto percorrido gravado por um GPS. O cruzamento desses dados (geolocalização e o nível de excitação) indica o estado emocional do usuário em resposta a sua localização geográfica (Figura 6). Posteriormente também são acrescentados comen-

³ O galvanismo (do nome do físico italiano Galvani) é a ação das correntes elétricas contínuas sobre os órgãos vivos. Nesse caso, as correntes elétricas geradas pela pele do usuário nos momentos de excitação é que foram captadas e medidas pelo dispositivo.

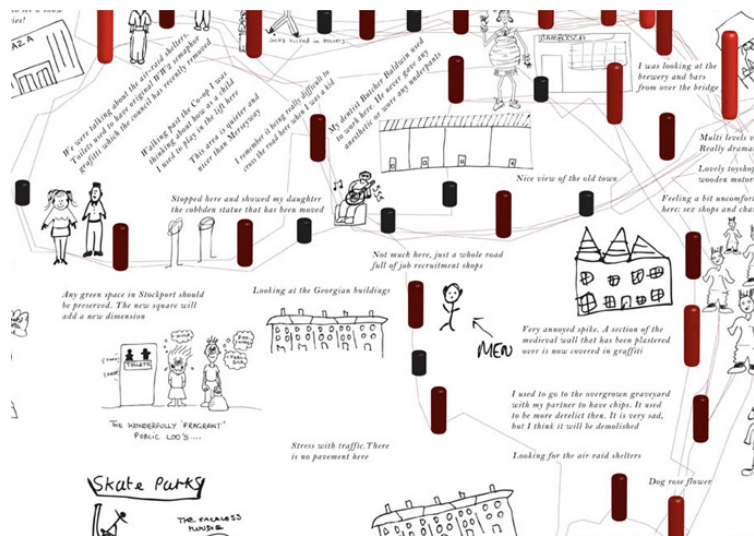
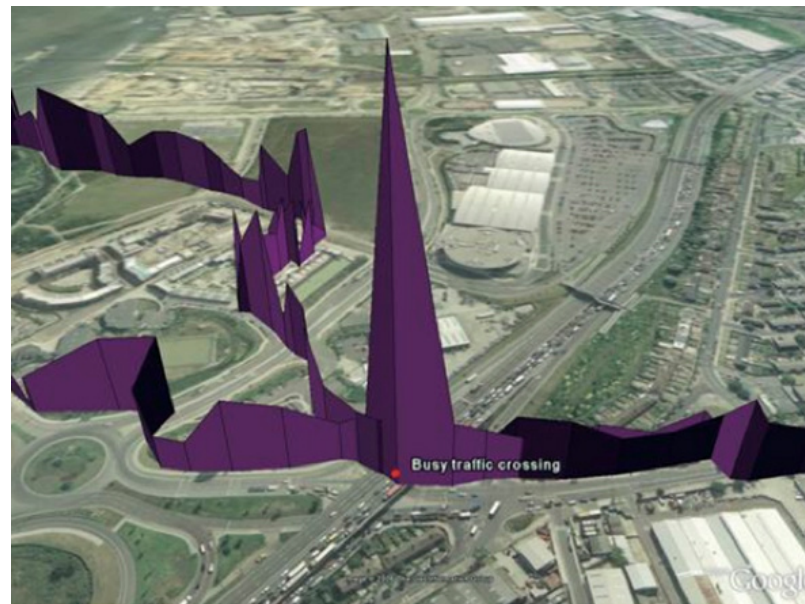


Figura 6

tários sobre os locais visitados.

Os dados obtidos são sobrepostos aos mapas do Google Earth (Nold substituiu os dados de altitude pelos dados GSR) (Figura 7) e dispostos para a visualização online. Os mapas também estão disponíveis para download em PDF ou KML (para ser visualizado no Google Earth).



Typical visualisation of Bio Mapping data shown in Google Earth. The height of the track indicates the physiological arousal at that point. The annotation was made by the participant.

Figura 7



O trabalho de Nold pode ser visto como uma documentação de performances passadas por indivíduos (selfs) concretos e não como uma representação visual do espaço urbano (Sotelo-Castro, 2009):

"I demonstrate that disclosures by participants in this practice are to be seen as a form of self-mapping that positions the self in relation to a given performance space. These self-positionings present the self in spatio-temporal terms and by means of performative narratives that re-define the subject from an isolated individual into a participant within an unfolding live process (Sotelo-Castro, 2009).

Outro exemplo pode ser *Amsterdam Realtime* (<http://www.waag.org/project/realtime>). Segundo Esther Polak (2011), idealizadora do "cada habitante de Amsterdam tem um mapa da cidade em sua cabeça. A forma como ele se move sobre a cidade e as escolhas efetuadas neste processo são determinadas por este mapa mental". Através dessa premissa, Amsterdam Realtime Project bus-

ca visualizar estes mapas mentais através do mapeamento da trajetória dos habitantes da cidade. Ao eliminar a malha viária urbana ou mapa base, Amsterdam Realtime mostra os percursos (anteriores e em tempo real) sugerindo um sistema orgânico para representar os padrões de utilização que se altera em tempo real (Figura 8).



Figura 8



No caso do Auto-mapeamento e posições *do self* o elemento subversivo é justamente, ao ressaltar as possibilidades performativas, o abandono do modelo hegemônico de mapeamento com ênfase na localização e navegação.

À guisa de conclusão

Trevor Paglen (2009) ao enfatizar a questão produção do espaço afirma que o conceito não se aplica apenas aos “objetos” de estudo ou crítica, mas nas próprias ações de uma participação na produção do espaço. Nesse sentido, tais cartografias estariam produzindo um espaço. Portanto, tem sido cada vez mais necessário construir uma visão ampliada que englobe a atuação e apropriação do espaço decorrente da própria experiência, que promove usos muitas vezes diferentes daqueles previstos institucionalmente. Compreender como o espaço é experienciado faz parte de

um processo de reconhecimento e mudança epistemológica que poderia inclusive permitir a promoção de uma cidadania e senso de comunidade, tão necessárias nos dias de hoje.

As Cartografias subversivas mostradas aqui, ao contrário daquelas norteadas pelos dispositivos espaciais (Agamben, 2009), apresentam mapeamentos de natureza muitas vezes provisória e parcial e que de certa forma promovem alterações em nossas percepções e visões de mundo. Não se trata de invalidar a Cartografia Euclidiana e sim considerá-la como mais um método de representar o espaço. Trata-se de compreender a Cartografia não somente, mas, sobretudo, como fato e fenômenos de linguagem. O espaço se configura como tecido vivo das relações sociais e campo de investimentos simbólicos. Nesse sentido, o que chamamos de Cartografias Subversivas podem apresentar espaços muitas vezes invisíveis para a cartografia tradicional.



Referências Bibliográficas

133

AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo?* In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BHAGAT, Alexis; MOGEL, Lize (eds.), *An Atlas of Radical Cartography*, pub. Journal of Aesthetics and Protest Press, 2008

CERTEAU, Michel de, *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

COSGROVE, Denis (Ed.) *Mappings*. London: Reaktion Books, 1999.

COSGROVE, Denis. *Social formation and symbolic landscapes*. Madison/Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1998.

_____. *Carto-City*. in Janet Abrams and Peter Hall (ed.), *Else/Where: Mapping New Cartographies of Networks and Territories* (University of Minnesota Press: Minneapolis, MN, 2006

CORNER, James. *The Agency of Mapping: Speculation, Critique and Invention*. In *Mappings*, edited by Denis Cosgrove. London: Reaktion Books, 1999. 213-252

Critical Art Ensemble, *Digital Resistance: Explorations in Tactical Media*, Autonomedia, 2003.



CRAMPTON, J. "Cartography: Performative, participatory, political". Progress in Human Geography. 2009

_____. "Cartography: Maps 2.0". Progress in Human Geography. 2008.

DEBORD, Guy. A Teoria da Deriva. Texto originalmente publicado no no 2 da revista Internacional Situacionista em dezembro de 1958. In: Jacques, Paola B. (org.) *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

FOUCAULT, Michel (1998). *De Outros Espaços, in Virose, archive a, 1998. [Online]*. Disponível em: http://virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html (Consultado 13 Março 2011).

HARLEY, Brian. *Mapas, saber e poder*, Confins [Online], 5 | 2009. URL : <http://confins.revues.org/5724>

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2002

HOLMES, Brian (2008). *The Affectivist Manifesto*, in *Escape the Overcode: Activist Art in the Control Society*. Disponível em: <http://brianholmes.wordpress.com/2008/11/16/the-affectivist-manifesto>. Acesso em: 24.03.2009.

_____. (2003). *Drifting through the grid: Psychogeography and imperial infrastructure*, in http://www.springerin.at/dyn/heft_text.php?textid=1523&lang=en. Acessado em: 24.03.2009.



JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

KENT, A. J. *Cartographic landscapes and the new noise*: Finding the good view in a topographical mashup. *The Bulletin of the Society of Cartographers* 42:29-37. 2008.

LOVINK, Geert; GARCIA, David (1997): *The ABC of Tactical Media*. <http://www.ljudmila.org/nettime/zkp4/74.htm>

PAGLEN, Trevor. *Experimental Geography: From cultural production to the production of space*. Disponível em: <http://www.brooklynrail.org/2009/03/express/experimental-geography-from-cultural-production-to-the-production-of-space>. Acessado em: 24.03.2009.

PARASKEVOPOULO, O., CHARITOS, D., RIZOPOULOS, C. Location-specific art practices that challenge the traditional concept of mapping. *Artnodes. E-journal on art, science and technology*. [Online] .Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya, 2008. <<http://artnodes.uoc.edu>>.

PERKINS, C. *Cultures of map use*. *The Cartographic Journal*, v.45, n.2, p. 150-158, 2008.

PERKINS, Chris. 2003. *Cartography: Mapping theory*. *Progress in Human Geography* 27, 341-51.

PICKLES, John. *Geography and Humanism*. Norwich: Geo Books, 1987.



PICKLES, J. *A history of spaces: mapping cartographic reason and the over-coded world*. Routledge, London, 2004.

POLAK Esther. Site do projeto *Amsterdam realtime*. Disponível em <http://realtime.waag.org/> Acesso: (18/05/11).

REVEL, J. *Vocabulaire de Foucault*. Paris; Ellipses, 2002.

ROD, J., Ormeling, F. and VAN ELZKKER, C. 2001: *An agenda for democratising cartographic visualisation*. Norsk Gografisk Tidsskrift 55(1), 38–41.

SAUER, Carl. O. *The education of a geographer*. Ann. Assoc.Amer.Geogr., v.46, 289–299, 1956.

SEEMANN, Jörn. Mapas e mapeamento como “Geografia Cultural em ação”: convite à discussão. *Anais do XIII Encontro Nacional dos Geógrafos*, João Pessoa, 21 a 26 de julho de 2002.

SOTELO-CASTRO, L. “Participation Cartography: The Presentation of Self in Spatio-Temporal Terms.” *M/C Journal*. Volume 12, Issue 5. 2009

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.



TUTERS, Marc e K. VARNELIS, (2006). *Beyond locative media*, in http://networkedpublics.org/locative_media/beyond_locative_media. Acessado em: 24.03.2009.

137

WOOD, Denis. Introducing the Cartography of Reality. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (org.). *Humanistic Geography*. Prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978, p.207-219.

